

O EXTRATIVISMO DO BABAÇU E AS RELAÇÕES IDENTITÁRIAS E SOCIOLINGUÍSTICAS DO POVO APINAYÉ

Cleiber Oliveira Pereira¹, Paulo Hernandes Gonçalves da Silva².

¹Instituto Federal do Tocantins (IFTO) – Campus Colinas do Tocantins, Acadêmico de Licenciatura em Computação e Bolsista de Iniciação Científica, cleiber13@gmail.com

² Instituto Federal do Tocantins (IFTO) – Campus Colinas do Tocantins, Doutorando em Letras e Professor de Linguagens, paulohg@ifto.edu.br

Resumo: A prática da cultura capitalista tem se manifestado em territórios indígenas, e que se relacionam com novos hábitos de consumo, fazendo com que os indígenas também busque no extrativismo uma forma de subsistência. O presente artigo evidencia o extrativismo do babaçu, como uma das principais formas de organização socioeconômica das aldeias tradicionais do povo Apinayé, que são habitantes do norte do Estado do Tocantins. Além de possibilitar um contato relevante com a sociedade, tem-se um estudo que evidencia a relação entre a empresa extrativista e a comunidade indígena. Adotou-se a metodologia da revisão de literatura, com base nos estudos de pesquisadores, que possuem conhecimento aprofundado sobre esse povo, com destaque para Nimuendajú (1983), Da Matta (1976), Giralдин (2000) e Albuquerque (2012), bem como a pesquisa documental de empresa extrativista do babaçu. Dentre os resultados alcançados, tem-se o propósito de discussão sobre a importância do comércio e seus reflexos identitários, com o objetivo de compreender essas práticas em seu cotidiano.

Palavras-chave: Apinayé, coco babaçu, extrativismo, subsistência.

1 INTRODUÇÃO

Preliminarmente, vale a consideração de que o contato do povo indígena Apinayé com os não-indígenas tem os primeiros relatos escritos desde o século XVII, sempre com relação ao trabalho realizado pela igreja católica, o que fica evidenciado conforme Nimuendajú (1983). Assim, à medida que os percursos pelos rios Araguaia e Tocantins foram sendo realizados, os contatos com os grupos indígenas que iam se firmando e tornando, portanto, mais exatas as referências ao povo Apinayé. Os dois rios, por conseguinte, foram muito importantes para o processo, pois tiveram várias expedições coloniais, que percorreram suas águas, tanto de deslocamentos oriundos do sul do Brasil, mas também de pessoas com origem no Maranhão e Pará, cujo objetivo principal era a demarcação e a busca pela garantia da posse dessas terras (DA MATA, 1976).

Consubstanciando em revisão bibliográfica e em pesquisa documental, este artigo objetiva demonstrar a prática do extrativismo do babaçu como principal fonte de renda da aldeia Apinayé e sua influência na organização socioeconômica e cultural. Os dados aqui apresentados, apesar de ocorrerem numa sistematização resumida, possuem justificativa por evidenciar a importância de conhecer estes aspectos para a preservação e conhecimento da cultura do referido povo.

Quanto à caracterização do povo em questão, evidencia-se que os Apinayé são pertencentes ao Tronco Macro-Jê e à Família Linguística Jê. Esta etnia habita o Estado do Tocantins, no entorno do

município de Tocantinópolis, possuindo população de 2.498 habitantes (DSEI, 2016), distribuídos por 24 aldeias (SEDUC, 2016), distante 550 km da capital Palmas/TO.

2 METODOLOGIA

Preliminarmente, este artigo utilizou da revisão de literatura relacionada ao povo Apinayé, uma vez que este tipo de pesquisa compreende o processo de busca, análise e descrição dos referenciais teóricos e outros materiais relevantes para a consecução dos objetivos. Promoveu-se um estudo de natureza descritiva, que se apoiou em documentos, levantamentos e abordagens de campo, com o fim de caracterização do processo de extrativismo do coco babaçu junto ao referido povo (ANDRADE, 2006).

Os objetivos do estudo devem ser formulados coerentemente e concisos para apresentar discussões adequadas ao problema, conforme estabelece Köche (2016). E neste caso, espera-se como resultados e discussão os três pontos básicos a seguir: a) a abordagem sobre o extrativismo do babaçu como fonte de renda, por meio de texto descritivo com citação; b) os serviços prestados pela empresa Tobasa, considerando-se exclusivamente as informações públicas de sua página eletrônica; e c) a descrição da relação entre o povo Apinayé, o meio ambiente e a Tobasa, com o reforço de desenhos e textos produzidos pelos indígenas.

Severino (2016), ao abordar sobre metodologia da pesquisa, observa a relevância desta buscar a descrição de uma realidade, seja com base em uma necessidade prática, seja com base na tentativa de comprovar uma tese ou hipótese. Assim, autores com relevância no tema, como Albuquerque (2012), Giraldin (2000) e Nimuendajú (1983), são importantes para fundamentar e respaldar decisões, o que permitiu que fossem apresentados os aspectos culturais, sociais e linguísticos relacionados ao povo Apinayé.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 O extrativismo do babaçu como fonte de renda

Ao se falar em produção, consumo e comercialização fundamentalmente se está falando de economia. Sendo assim, o povo Apinayé possui uma economia, porém como ela se estrutura internamente e/ou se compõe a economia de mercado é um assunto insuficientemente explorado na literatura. Tanto que não existe uma definição do que é economia indígena (Luciano, 2006).

Ainda segundo Luciano (2006), a economia indígena possui aspectos que estão vinculados a diversas áreas de sua cultura, como importância da organização social, economia de autossustento,

diversidade, organização e técnica, grau de sustentabilidade, grau de valores agregados e pertinência da relação social.

Note-se que a possibilidade de uma certa convivência entre os Apinajé e os não-indígenas do entorno de Tocantinópolis, se deu pela própria forma de ocupação da região pela sociedade nacional: uma população dispersa, vivendo basicamente da agricultura de subsistência, criação de animais de pequeno porte e extração, em pequena escala, de babaçu (LADEIRA; AZANHA, 1996).

A Fundação Nacional do Índio (FUNAI, 2015) aponta o babaçu como uma espécie da biodiversidade que tem importância fundamental na manutenção do modo de vida e da cultura Apinayé. Até porque ela promove a geração de renda e a ampliação das fontes de alimentação. De forma, que alguns projetos são construídos para promover o resgate de conhecimentos tradicionais sobre os usos e costumes associados ao babaçu, o fortalecimento cultural, a discussão sobre o manejo sustentável dessa espécie e a gestão ambiental na terra indígena Apinayé, bem como na produção de artesanato a partir dos produtos naturais que possuem no seu entorno.

Outro ponto importante diz respeito à relação mercantilista com as empresas de extrativismo, que precisa ter o cuidado para não se dar de forma exploratória do povo, face à sua condição econômica. Assim, a troca de saberes entre gerações, o intercâmbio de experiências com outras iniciativas e organizações comunitárias que trabalham com o beneficiamento do babaçu e a autonomia indígena, fortalecendo, principalmente, o respeito com sua cultura e com o processo de organização do trabalho da mulher Apinayé. (FUNAI, 2015)

3.2 O beneficiamento do babaçu pela empresa TOBASA

A Tobasa Bioindustrial de Babaçu S/A é uma empresa brasileira, pioneira no desenvolvimento de tecnologias e processos para o extrativismo florestal e o aproveitamento integral do coco de babaçu, a qual gera “economia circular” e “soluções sustentáveis” para diversos setores da indústria. A Companhia contempla em seu parque industrial – com 175.000 m² de área total – a maior fábrica de carvão ativado de coco da América Latina (TOBASA, 2016).

Desde a sua fundação em 1968, a TOBASA se destaca pela inovação no desenvolvimento da cadeia de suprimento e no aproveitamento integral do coco de babaçu, que envolve desde a quebra, a cata e a coleta do fruto até o processamento tecnológico de seus produtos. Hoje, constitui-se no único complexo industrial do gênero existente no país, produzindo óleo, torta proteica, biomassas energéticas, farinhas amiláceas, álcool amiláceo e carvão ativado. Além disso, é a empresa líder – no Brasil – em produção e fornecimento de Carvão Ativado de Coco (TOBASA, 2016).

Segue na figura 1, a vista aérea da empresa instalada no município de Tocantinópolis/TO, e que apresenta em sua missão a grande preocupação com sustentabilidade:

Figura 1 – Empresa Tobasa



Fonte: Tobasa (2016)

Com 51 anos de tradição, segundo Tobasa (2016), a empresa é um dos grupos industriais do Tocantins e da região norte do Brasil, com diversos prêmios e reconhecimentos por sua elevada abrangência social, econômica e ambiental, bem como pela sua importância na geração de empregos diretos e indiretos e, também, por suas realizações tecnológicas inovadoras. Por isso, a TOBASA tornou-se referência no Brasil como empreendimento único e pioneiro, gerando, em consequência, patente, teses de mestrado e doutorado, bem como projetos de pesquisa em parceria com universidades e instituições de pesquisa, originando trabalhos publicados no Brasil e no exterior.

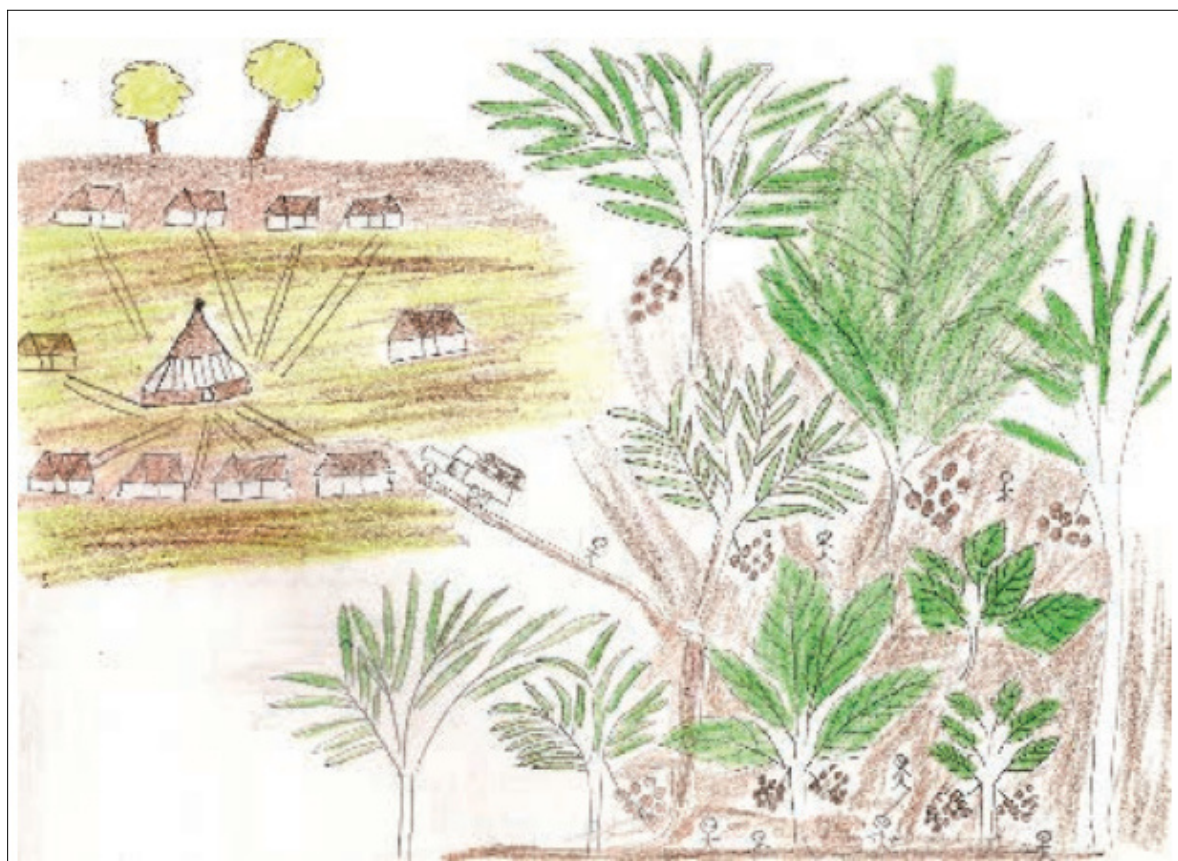
3.3 A relação do indígena com o meio ambiente e com o coco babaçu

Falando inicialmente da língua, cultura e identidade do povo aqui abordado, segundo Maher, (2007), observa-se que na maioria das sociedades indígenas brasileiras, apesar de ter sua cultura baseada na oralidade, encontra-se inserida no contexto da sociedade letrada. Esta situação, devida ao contato próximo e constante com a sociedade envolvente (não-indígena), cria uma condição de bilinguismo compulsório. Por isso, o acesso aos usos e benefícios da leitura e da escrita não é apenas uma questão de escolha, mas de necessidade para esse povo, conforme se configura na relação do indígena com o não-indígena, em função da relação de trabalho como extrativismo do coco babaçu.

Ao se abordar a descrição do seu meio social, observa-se que o povo Apinayé é organizado em duas metades – Kooti e Koore – consoante ao que estabelece Da Matta (1976), uma vez que cada parte representa a expressão de um dualismo diametral. Assim, ocorre um princípio de simetria entre os elementos classificados por este sistema: leste/oeste; sol/lua; dia/noite; verão/inverno.

Giraldin (2000), cita que o povo Apinayé tem o sol e a lua como as duas entidades que criaram o universo e os seres humanos, bem como são elementos cosmológicos relacionados à forma de vida, de se organizar socialmente e da forma como são concebidas as suas aldeias, inclusive na relação com a fauna e a flora, que é concebida em proximidade com a floresta e os rios, como se observa na figura 2, que segue:

Figura 1 – Desenho da relação entre o povo e o extrativismo do babaçu



Fonte: Albuquerque (2012, p. 59)

Os itens desenhados na figura 2 de autoria do professor indígena Jurandy Katâm Apinajé, disponível na obra “Textos e leitura: uma prática pedagógica nas escolas Apinayé e Krahô”, de autoria de Francisco Edviges Albuquerque (2012), evidencia uma aldeia peculiar desse povo, em que casas, quintais, árvores e demais elementos são estruturados em formato circular, em torno de um grande

pátio, e que ao mesmo tempo no seu entorno estão disponíveis as riquezas da biodiversidade que os grandes babaçuais representam, seja no extrativismo, seja no artesanato, seja na manutenção cultural.

A compreensão dos pormenores constantes da figura 2, embasado pelos conhecimentos de Albuquerque (2007), remontam também à construção de cada casa, que são feitas de barro batido ou de palha, com a cumeeira coberta de palhas de palmeiras da região. Com frequência, verifica-se casas com paredes internas dimensionadas com esteiras (tapumes) de palha de babaçu.

Além da representação por desenho, observou-se que o professor indígena Jurandy Katãm Apinajé publicou uma narrativa em língua portuguesa, que discorre sobre a relação entre a tradição indígena, o extrativismo vegetal e a relação comercial com a empresa Tobasa, conforme consta na obra organizada por Albuquerque (2012), com o título “Textos e leitura: uma prática pedagógica nas escolas Apinajé e Krahô”:

Texto: História do Babaçu

Na região do Tocantinópolis tem muito babaçu e os Apinajé colhem para vender na Tobasa, que é a fábrica de beneficiamento, que se localiza na cidade de Tocantinópolis. Antigamente, o babaçu não era valorizado e apodrecia no mato. Mas atualmente, o povo Apinajé da aldeia Mariazinha todos os dias colhem babaçu para vender na cidade, porque lá é muito valorizado e a Tobasa compra tudo. A Tobasa, atualmente, mantém um posto de coleta de babaçu na aldeia Mariazinha. Compra todos os sacos colhidos nas matas, deixados pelos indígenas em pontos de coleta estratégicos, e posteriormente, trazidos para aldeia, para, semanalmente, levar para a cidade. O Pagamento de toda a colheita da semana é feito aos sábados na própria aldeia, para não precisar de os indígenas irem para a cidade. Portanto, a história da minha aldeia se relaciona diretamente com a produção de babaçu, pois esta planta tão valiosa, além de fazer parte de nossa cultura e de nossos costumes, atualmente é fonte de renda para o povo Apinajé de Mariazinha (ALBUQUERQUE, 2012, p. 59)

A narrativa em destaque apresenta a maneira tradicional de organização em torno do extrativismo do coco babaçu, falando da sustentabilidade do processo de coleta do coco, da comercialização dos sacos colhidos, a entrega nos pontos de coletas e inclusive do pagamento que é feito na própria aldeia, sem necessidade de deslocamento do indígena para a cidade.

Por sua vez, no ato da produção oral, o narrador demonstra os fatos ocorridos com marcas de subjetividade. Nesse caso característico, a professor indígena Jurandy Katãm Apinajé perpassa o seu olhar de sujeito-autor à narrativa, evidenciando experiências pessoais e emoções sobre a sua realidade social, uma vez que as aldeias são aglomerações que ocupam importante papel no sentido da caracterização da história e da cultura de sua sociedade, e que neste caso em questão transmite a questão do sua subsistência econômica.

Destaque o bilinguismo Apinayé, que mantém seus hábitos e costumes tradicionais, apesar do frequente contato direto com os não indígenas, neste caso com o município de Tocantinópolis/TO. O convívio com a sociedade envolvente, fez com que o povo buscasse a manutenção enquanto comunidade minoritária, que apresenta conflitos tanto de ordem social quanto linguística, educacional, religiosa e cultural. Apesar destas situações, os Apinayé vem aumentando o número de suas aldeias e conseqüentemente a quantidade de pessoas em sua população (ALBUQUERQUE, 2007).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a cadeia de produção da empresa Tobasa está relacionada à geração de renda, bem como à organização socioeconômica do povo Apinayé, sendo este povo tradicional um dos agentes que contribuem para o beneficiamento e desenvolvimento de uma cadeia produtiva através do extrativismo do babaçu.

A inevitável interação com a sociedade circundante contribuiu expressivamente para que o povo Apinayé se apropriasse de novos hábitos, passando a ter grande necessidade de materializar e capitalizar recursos para a sua inserção no mundo à sua volta, marcado pelos costumes da sociedade majoritária.

Quanto ao aspecto identitário e cultural, entende-se a importância da permanência das sociedades em habitats que lhes permitem a sociabilização entre os muitos seres que ali coabitam, principalmente com atitudes que assegurem a manutenção de suas tradições e língua, bem como na incorporação de novos palavras ou costumes.

Cada cultura, ao moldar suas peças em diferentes matérias-primas, utilizam-se de moldes artesanais, gastam tempo, imprimem suas marcas, e seus principais produtos, transformam-se em arte, alegorias, que tanto são utilizados pelos indígenas, quanto comercializados.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, F.E. **Contribuições da Fonologia ao processo de educação indígena Apinayé.** Tese de Doutorado. Universidade federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2007.

ALBUQUERQUE, F.E (Org). **Textos e leitura:** uma prática pedagógica nas escolas Apinayé e Krahô. Goiânia: Ed. América/PUC, 2012.

ANDRADE, M. M.de. **Introdução do trabalho científico:** elaboração de trabalhos na graduação. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

DA MATTA, R. **Um mundo dividido:** a estrutura social dos índios Apinayé. Petrópolis: Vozes, 1976.

DSEI/TO. 2016. **Distrito Sanitário Especial Indígena do Estado do Tocantins do ano de 2016.** Atenção à Saúde dos Povos Indígenas - Caracterização e Estágio da Implantação dos Distritos Sanitários Especiais Indígenas. Disponível em: <http://www.bvsde.paho.org/bvsapi>, acesso em 06mai2018. (2016).

FUNAI. **Fundação Nacional do Índio.** 2015. Povo Apinayé (TO) investe no coco babaçu para fomentar o etnodesenvolvimento. Disponível em <http://www.funai.gov.br/index.php/comunicacao/noticias/3488>, Acesso em 01set2019. (2015).

GIRALDIN, O. **Axpên Pyràk.** História, cosmologia, onomástica e amizade formal apinaje. Tese de doutorado, IFCH/Unicamp, Campinas, 2000.

KÖCHE, J.C. **Fundamentos de metodologia científica:** teoria da ciência e iniciação à pesquisa. 35. ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2016.

LADEIRA, Maria Elisa; AZANHA, Gilberto. **Os "Timbira atuais" e a disputa territorial.** In: RICARDO, Carlos Alberto (Ed.). Povos Indígenas no Brasil : 1991/1995. São Paulo : Instituto Socioambiental, 1996.

LUCIANO, G.S. **O Índio brasileiro:** o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – MEC/SECADI, Editora LACED do Museu Nacional, Brasília/DF, 2006.

MAHER, T.M. **Do casulo ao movimento:** a suspensão das certezas na educação bilíngue e intercultural. In: CACALCANTI, Marilda C. e Bortoni-Ricardo, Stella Maris (Orgs.). Transculturalidade, linguagem e educação. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

NIMUENDAJÚ, C. **Os Apinayé.** Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém, 1983.

SEDUC. **Secretaria de Educação do Estado do Tocantins.** Gerência de Desenvolvimento da Educação Indígena do Estado do Tocantins no ano de 2016. Disponível em: <http://seduc.to.edu.br/educacaoindigena> Acessado em: 20jan2019.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 24 ed. São Paulo: Cortez, 2016.

TOBASA. **Tobasa Bioindustrial de Babaçu S/A.** 2016. Disponível em <https://www.tobasa.com.br>, acesso em 28ago2019. (2016).